



**COMUNICAÇÃO E TRANSNACIONALISMO: IMPLICAÇÕES NOS ESTUDOS  
DE CONSUMO E RECEPÇÃO  
DAS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS<sup>1</sup>**

**GT7: Estudos de Recepção**

Denise Cogo<sup>2</sup>

Liliane Dutra Brignol<sup>3</sup>

**Resumo**

O artigo aborda aspectos teórico-metodológicos das relações entre estudos de recepção e consumo, migrações e transnacionalismo no contexto da pesquisa em comunicação. O objetivo é discutir brevemente o campo conceitual do transnacionalismo relacionado aos estudos de comunicação, especialmente orientados à recepção e consumo das migrações contemporâneas, para, então, analisar duas linhas de abordagem que propõem deslocamentos da perspectiva do nacionalismo teórico-metodológico. Na primeira linha, situam-se os estudos das interações comunicacionais de famílias transnacionais e, em uma segunda linha, o ativismo migrante engendrado nas iniciativas de usos e produção de espaços comunicacionais, sobretudo da internet.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação ao XII Congresso ALAIC 2014, GT 7 - Estudios de Recepción.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), São Paulo (Brasil). Pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: denisecogo2@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação/ Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), Santa Maria – RS (Brasil). E-mail: lilianebrignol@gmail.com

**Palavras-chave:** comunicação; recepção; consumo; migrações; transnacionalismo.

## **Introdução**

O presente artigo parte de reflexões decorrentes em um conjunto de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no campo da comunicação sobre as relações entre processos midiáticos, cultura e cidadania, com destaque para o universo das migrações contemporâneas. A partir de uma trajetória de aproximação à perspectiva dos estudos de recepção e do consumo, as investigações têm suscitado questionamentos sobre aspectos teórico-metodológicos demandados pelo caráter transnacional das migrações nas problemáticas de pesquisa na área.

Através de levantamento bibliográfico e da revisão de resultados pesquisas já realizadas sobre o tema<sup>4</sup>, o objetivo do artigo é discutir brevemente o campo conceitual do transnacionalismo relacionado aos estudos de comunicação, especialmente orientados à recepção e consumo das migrações contemporâneas, para, então, analisar duas linhas de abordagem que propõem deslocamentos da perspectiva do nacionalismo teórico-metodológico. Na primeira linha, situam-se os estudos das interações comunicacionais das famílias transnacionais e, em uma segunda linha, o ativismo migrante engendrado nas iniciativas de interação, produção e usos de espaços comunicacionais, especialmente da internet.

---

<sup>4</sup>Pesquisas desenvolvidas, em diferentes contextos nacionais, a partir de abordagens multiperspectivas que enfatizam a recepção e consumo midiáticos, mas abrangem também os aspectos não midiáticos das interações comunicacionais e do universo da produção e do texto/produto das mídias. Os percursos metodológicos dessas pesquisas têm privilegiado os usos de entrevistas, histórias de vida, grupos de discussão, questionários, algumas vezes combinados com outros procedimentos metodológicos.

## Cenários e configurações do transnacionalismo migrante

Os movimentos migratórios contemporâneos vêm se intensificando desde a última década do século XX<sup>5</sup>. Em, 2013, relatório divulgado pelo Departamento Assuntos Econômicos e Sociais (DESA) da ONU (Organização das Nações Unidas) apontava para a existência de 232 milhões de migrantes internacionais (3,2% da população mundial).<sup>6</sup> O registro quantitativo do crescimento das migrações internacionais nessas últimas décadas é, entretanto, apenas uma dimensão de um fenômeno para o qual concorrem diferentes fatores de ordem qualitativa e que contribuem para atribuir complexidade aos movimentos migratórios contemporâneos.

Neste contexto, é possível perceber uma ampliação dos países envolvidos nas redes migratórias; uma maior diversidade de grupos étnicos e culturais que compõem essas redes; um número significativo de mulheres que migram de maneira independente ou como chefes de família; um incremento do número de pessoas que vivem e trabalham no estrangeiro sem regularização jurídica, assim como de refugiados e asilados; um crescimento de migrações decorrentes de catástrofes ambientais; e a intensificação de movimentos migratórios temporários e de circulação como algumas das experiências que compõem o cenário das migrações na atualidade (Blanco, 2006).

Também os avanços tecnológicos, sobretudo dos meios de transporte (com o barateamento de custos), e das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), atuam em uma reconfiguração do fenômeno das migrações. Como afirma Blanco, “as distâncias físicas diminuem, os movimentos se multiplicam e o contato

---

<sup>5</sup>Informe sobre las migraciones en el mundo 2013.OIM: Ginebra, 2013. Em 2010, o mesmo relatório da OIM registrava a existência de 214 de migrantes no mundo.Ver: *Informe sobre las migraciones en el mundo 2010*. OIM: Ginebra, 2010.

<sup>6</sup> <http://www.onu.org.br/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>

virtual com os outros se torna possível em qualquer parte do mundo” (Blanco, 2006, p. 20).

Recente informe da Organização Internacional das Migrações (OIM) destaca também a crescente multidirecionalidade que assumem os movimentos migratórios na atualidade, com o registro de deslocamentos entre países de ingressos altos, por exemplo, do Reino Unido ao Canadá (migrações Norte-Norte), deslocamentos de países de ingressos altos a países de ingressos baixos e médios como Portugal a Brasil (migrações Norte-Sul) e fluxos migratórios entre países de ingressos baixos e médios, como, por exemplo, de Indonésia a Malásia (migrações Sul-Sul) (OIM, 2013, p. 31)<sup>7</sup>. Além dessas novas direções migratórias, o cenário atual aponta para a intensificação da migração de retorno em decorrência também da crise econômica global.

Os impactos quantitativos e qualitativos das migrações transnacionais podem ser evidenciados, ainda, nos recursos significativos gerados pela força de trabalho dos migrantes em âmbito global, assim como no volume de remessas enviadas aos países de origem. Dados do Banco Mundial indicam que as remessas recebidas pelos chamados países em desenvolvimento atingiram US\$ 406 bilhões em 2012<sup>8</sup>.

Embora imprescindíveis à economia mundial, as remessas nem sempre servem de impulso à redução da pobreza e ao desenvolvimento autônomo das economias locais ou à redução de pressões para a redução dos fluxos migratórios internacionais (Canales, 2008; Aragonés Castañer & Salgado Nieto, 2011). Guarnizo (2004) empenha-se, nesse sentido, em extrapolar a visão de uma

---

<sup>7</sup>O relatório da OIM (2013) adota “Norte” para referir-se às economias de ingressos altos, conforme classificações do Banco Mundial, e “Sul”, às economias de ingressos baixos e médios. Destacamos que são propostos outros métodos para evidenciar diferenças mais sutis e desigualdades dentro de um mesmo país. A essa observação, acrescentamos a perspectiva pós-colonial e política que envolve a construção e emprego dos termos Norte-Sul.

<sup>8</sup> Ver: <http://revistaforum.com.br/blog/2013/05/ha-cada-vez-mais-mulheres-migrantes-no-mundo/>. Os dados do Banco Mundial não incluem as remessas enviadas por redes e circuitos informais.

literatura sobre o transnacionalismo centrada no impacto produtivo das remessas monetárias norte-sul nas localidades de origem. O autor remete a Peggy Levitt - que introduziu o conceito de remessas sociais - para enfatizar os intensos fluxos de ideias, comportamentos, identidades e capital social às comunidades dos países que enviam e recebem migrantes.

O pesquisador colabora, nesse aspecto, para o entendimento das experiências multiterritoriais das migrações internacionais ao destacar o espectro amplo de relações sociais, culturais, políticas e econômicas transfronteiriças que conectam os migrantes a suas sociedades de origem. Seu posicionamento valoriza a capacidade de agência dos migrantes e relativiza a sobredeterminação de fatores econômicos como a pobreza e a busca de trabalho como propulsores quase exclusivos de fluxos migratórios.

No entanto, o debate em torno do transnacionalismo comporta também posicionamentos menos otimistas em torno das intervenções migrantes. Se, de um lado, as ações transfronteiriças podem engendrar espaços de autonomia e resistência, por outro lado, contribuiriam para legitimar formas excludentes de inserção dos chamados países não desenvolvidos à cultura global, especialmente através da exploração de mão-de-obra provedora de oportunidades para uma maior expansão do capitalismo e reprodução de desigualdades sociais.

A esse alerta, Portes (2004, p. 77) agrega que só uma minoria de migrantes se caracteriza por um envolvimento regular em atividades transnacionais e que, mesmo o envolvimento ocasional nessas atividades, não constitui uma prática universal. O autor reconhece, no entanto, que não é a dimensão numérica dos migrantes envolvidos, mas as ações transnacionais realizadas com regularidade por um determinado conjunto de ativistas que, somadas às atividades pontuais de

outros migrantes, poderão resultar em um processo de impacto macroeconômico e social para as comunidades e nações relacionadas a esses migrantes.

Sem desconsiderarmos essas críticas, entendemos que as redes migratórias desempenhariam um papel preponderante para o estabelecimento e renovação de relações entre os países envolvidos no fluxo migratório, forjando espaços sociais transnacionais de inter-relação entre global e local. Também na visão de Suárez-Navaz (2008), o uso das redes como instrumento metodológico atenua o economicismo determinista e macroestrutural que fundamenta algumas explicações sobre as migrações transnacionais. “As redes e a noção mais restrita de cadeias migratórias permitem rastrear o modo no qual a informação e as pessoas circulam nos espaços migratórios transnacionais” (Suárez-Navaz, 2008, p. 66).

A abordagem proposta por Suárez-Navaz (2008) permite também distinguir a comunicação como uma das principais dimensões presentes na abordagem teórica dos fenômenos transnacionais. A dimensão comunicacional aparece associada, ainda, segundo a autora, à tradição empírica dos estudos migratórios transnacionais em seu interesse em focar as migrações a partir das redes como espaço de interações e relações sociais de caráter fronteiriço que incorpora simultaneamente os países de origem e destino (e/ou todos aqueles que formem a rede migratória transnacional).

### **Transnacionalismo: indagações ao nacionalismo metodológico**

No estudo das experiências de transnacionalismo migrante, pesquisadores das ciências sociais e humanas vêm se enfrentando com os limites de abordagens teórico-metodológicas criadas a partir de contextos que desconsideram os deslocamentos como inerentes ao modo de viver e de experimentar as interações

sociocomunicacionais e as identidades culturais. Reconhecer a dimensão interacional dos processos migratórios implica em transcender os limites territoriais e simbólicos que dividem países de origem ou países de acolhida dos migrantes, se tornando um primeiro deslocamento exigido frente ao nacionalismo metodológico ainda dominante na produção científica sobre as migrações nas ciências humanas.

Segundo Beck (2007, p.30), o marco de referência construído a partir do conceito de Estado-nação impede a sociologia de compreender e analisar as dinâmicas e conflitos, as ambivalências e ironias da sociedade contemporânea. Este marco teórico dificultaria a compreensão da lógica cosmopolita implicada nas dinâmicas globais que ultrapassam uma concepção de sociedade presa a uma ideia de unidade entre identidade cultural, território e estado. O nacionalismo metodológico supõe a continuidade de um modelo que busca equiparar estado, sociedade nacional e território, repercutindo nas observações científicas e, até mesmo, nos desenhos metodológicos das pesquisas.

Estudiosos das migrações têm recuperado a crítica ao nacionalismo metodológico e chamado a atenção para as implicações do transnacionalismo como instância para o estudo dos fluxos migratórios em diferentes campos do conhecimento. Goig (2007), por exemplo, aponta quatro grandes questões observadas em pesquisas sobre migrações transnacionais incapazes de superar o nacionalismo metodológico: a delimitação territorial como marco natural de investigação; os problemas de categorização implicados nos estudos quantitativos e estatísticos destinados à medição dos fluxos migratórios; os problemas conceituais relacionados com as diferenças idiomáticas e culturais geradas na elaboração de instrumentos de investigação; e a complexa delimitação do objeto de estudo, ora de maneira muito ampla (por nacionalidade, idioma, procedência), ora como grupos étnicos como entidades uniformes ou estáticas. Nessa perspectiva, autor

propõe, por exemplo, que o desenho de mostras representativas não se limitem aos levantamentos estatísticos, mas que busquem contemplar a diversidade e heterogeneidade dos grupos migratórios estudados.

Também Esparza (2011) atenta para o fato de as trajetórias de migração implicarem em interações sociais, econômicas e políticas em diferentes âmbitos de maneira simultânea. Esta perspectiva suprime, segundo o autor, a noção de que “os migrantes são partes desmembradas de uma entidade orgânica enraizada em um território nacional. Recentes articulações de experiências diaspóricas sugerem que os sujeitos transnacionais estão mais além do nacional” (Esparza, 2011, p.56-57).

Com base em Smith e Guarnizo, Retis (2013) também afirma que o enfoque transnacional permitiu um melhor entendimento dos deslocamentos internacionais, promovendo a integração, nas análises, das condições de origem e de destino dos migrantes. O conceito de transnacionalismo refere-se, nesse contexto, a novas práticas e novos espaços sociais surgidos no contexto das migrações contemporâneas.

No cotidiano das práticas migratórias e em instâncias das políticas institucionais, podemos dizer que o transnacionalismo tem assumido também um viés ativista a partir da mobilização e demandas das redes e organizações migratórias, dentre outras, por uma cidadania universal que assegure a livre circulação e a vigência dos direitos sociais dos migrantes em uma perspectiva supranacional. Frente ao esforço crescente de governos e instituições em limitar, controlar, regular e criminalizar a mobilidade humana, os migrantes vêm tensionando uma globalização ambivalente vivenciada como ponto de intersecção entre a liberdade do sujeito e a ação de barreiras e limites impostos a essa liberdade por instituições



e tecnologias de poder, muitas das quais circunscritas aos Estados-nação (Mezzadra, 2005, p. 45).

No campo dos estudos de recepção e de consumo, pensar em uma perspectiva transnacional, exige pensar no migrante como sujeito consumidor e receptor-produtor de produtos culturais e de processos comunicativos e midiáticos nos quais estão implicadas experiências de deslocamentos multiterritoriais e dinâmicas de subjetivação e identidades múltiplas. Como afirma Esparza, com base em Orozco: “as experiências e conhecimento ampliados pelo processo migratório incidem na mediação e “audienciação” (Esparza, 2011, p.56)

### **Transnacionalismo nos estudos de consumo e recepção das migrações**

Com base no debate desenvolvido até aqui, nos propomos a tecer relações entre estudos comunicacionais de consumo e recepção<sup>9</sup> das migrações e a noção de transnacionalismo. Para isso, optamos por focar em duas linhas de abordagem em que podemos observar deslocamentos do nacionalismo teórico-metodológico: os estudos de consumo e interações sociocomunicacionais das famílias transnacionais e os estudos em torno do ativismo migrante e usos das mídias e tecnologias da comunicação<sup>10</sup>.

Pesquisadores, em distintos contextos nacionais, têm privilegiado o estudo da diversidade cultural migratória a partir de análises da produção e dos conteúdos midiáticos que focalizam as representações e os discursos sobre as migrações.<sup>11</sup> Embora alguns desses estudos contribuam para evidenciar a criminalização das migrações sustentada pelo paradigma de defesa das fronteiras nacionais, assim

---

<sup>9</sup>A partir de autores como Martín-Barbero (2001), Orozco Gómez (1991), García Canclini (1996), Escosteguy & Jacks (2005), Cogo (2009).

<sup>10</sup> Reconhecendo, a possibilidade de existência de outras linhas de abordagem.

<sup>11</sup> Exemplos são estudos como os de Van Dijk (1997), Retis (2004), Cunha (2003) e Cogo (2006).

como para problematizar o predomínio de uma matriz e lógica nacionalistas na produção jornalística, não deixam de se fundamentar em uma perspectiva metodológica nacionalista ao focalizarem as mídias nacionais na análise das migrações transnacionais.

No contexto espanhol, Sepúlveda e Cambrón (2011) apontam para a predominância de estudos sobre a representação midiática da migração em busca dos estereótipos retratados na mídia tradicional em detrimento de trabalhos focados na recepção midiática em uma perspectiva crítica. Em levantamento realizado, destacam o fato de as migrações colocarem em questão não apenas uma visão tradicional do universo midiático na pesquisa espanhola, baseada, sobretudo, na análise de um público nacional, mas também reposicionarem o papel das mídias, a partir, por exemplo, da emergência de meios alternativos voltados – e muitas vezes produzidos – por comunidades migrantes, o que associamos à perspectiva do ativismo migrante.

No deslocamento do enfoque das representações midiáticas das migrações transnacionais, podemos identificar o estudo do consumo, recepção e usos das TICs no contexto de investigações mais amplas sobre as chamadas famílias transnacionais, um dos âmbitos de pesquisa que, segundo Herrera (2013), mais tem crescido na literatura latino-americana e de outros contextos. Trata-se de um enfoque de estudo que se desenvolve, inicialmente, como derivação das experiências de migração feminina, mas que passa a propor problematizações que abrangem as múltiplas relações entre os integrantes da família. Embora as famílias transnacionais sempre tenham existido como resultado dos processos migratórios contemporâneos<sup>12</sup>, o que as distingue das atuais é a presença de uma subjetividade e de vínculos relacionados à consciência de ser e forjar uma família

---

<sup>12</sup> Na América Latina, Herrera lembra que podemos remontar aos tempos coloniais para encontrar rastros de famílias separadas, produtos das migrações internas das mulheres rurais a cidades de migrações transfronteiriças (Herrera, 2013).

à distância. Tal especificidade pode ser atribuída, em grande medida, ao avanço das comunicações que contribuem para abolir a ideia da presença física como pré-requisito para a formação das famílias, assim como para impulsionar a produção e circulação de informações entre os familiares, o exercício da maternidade ou paternidade à distância, e o envio de remessas (HERRERA, 2012).

Em pesquisas de recepção e usos de TICs que realizamos com migrantes transnacionais de diferentes nacionalidades<sup>13</sup>, foi possível observar experiências de aproximação, convivência e “gestão afetiva” de famílias transnacionais a partir de relatos de migrantes que destacam, dentre outros, as rotinas diárias e semanais de reuniões familiares através do uso de softwares de comunicação como o Skype ou sites de redes sociais, o esforço de familiares em se introduzir no mundo da internet em cidades do interior onde o acesso é restrito a fim de estabelecer conexões com o familiar que migrou, ou, ainda, a inquietação manifestada entre jovens, especialmente mulheres, diante do controle excessivo exercido por familiares a partir da imposição de rotinas de conexão e comunicação diária via internet.

Como exemplo, podemos referir o contato diário por MSN Messenger mantido por um casal de equatorianos residentes em Barcelona com as filhas de 11 e 5 anos, que continuavam vivendo com a avó em Otavalo, na serra equatoriana. Através do chat e do uso da webcam, os pais ajudavam as filhas com tarefas escolares, conversavam, brincavam e acompanhavam seu crescimento. Segundo a mãe, a possibilidade de interação mediada pela internet amenizava a distância, embora não a fizesse abandonar o projeto de retorno ao Equador (BRIGNOL, 2010).

---

<sup>13</sup>Embora esse não fosse o foco central dessas pesquisas, muitos relatos recolhidos em entrevistas com migrantes evidenciavam também essa dimensão. Essas pesquisas estão publicadas, dentre outros, em Cogo (2012), Cogo, Huertas & ElHajji (2012), Brignol (2010), Cogo & Brignol (2009), Cogo, Huertas & Gutierrez (2008).

Em outra pesquisa ainda em andamento, com migrantes haitianos no Brasil (COGO, 2013), depreendemos algumas táticas de uso experimentadas para contornar as limitações de custos de acesso à internet no país de origem, possibilitando a articulação e conexão entre a diáspora haitiana em diferentes lugares de presença dessa diáspora. Para rentabilizar o uso do cartão telefônico AfricanCard, um migrante entrevistado em Porto Alegre relata que costuma fazer uma ligação para familiares haitianos em Miami, nos Estados Unidos, e esses familiares estabelecem uma conexão telefônica viva voz com outros familiares em Porto Príncipe no Haiti, possibilitando um encontro e conversação em rede Miami-Porto Príncipe-Porto Alegre com menor custo.

O mesmo migrante haitiano faz uso da internet para participar como uma espécie de correspondente no Brasil de um programa sobre a diáspora haitiana nos idiomas francês e crioulo em uma rádio africana sediada na França que difunde informações, notícias e músicas orientadas à diáspora haitiana em diferentes partes do mundo.<sup>14</sup>

Outra perspectiva de usos das tecnologias da comunicação no contexto das famílias transnacionais está relacionada às interações simbólicas em torno consumo de objetos e materialidades entre os migrantes no estabelecimento de vínculos emocionais em experiências familiares multiterritorializadas. Em estudos sobre as famílias transnacionais no contexto da migração equatoriana realizados entre 2003 e 2005, Herrera (2009) observa que, entre jovens filhos de pais que emigraram a Espanha e Estados Unidos, o respeito ao uso do dinheiro e o apego a determinados objetos se explicava menos pelo valor de gerir os recursos e objetos (pois a maioria não lidava com grandes quantidades de dinheiro) e mais

---

<sup>14</sup> O programa é produzido e transmitido pela rádio Tongolo em <http://www.radio-tongolo.com/>

pelo valor simbólico que permitia aos jovens evidenciar a seus grupos sociais a preocupação à distância mantida pelos pais.

No entanto, Herrera aponta também para o viés moralista sobre o consumo que tende a demarcar as representações dominantes de pais e professores envolvendo o manejo do dinheiro e do bem estar vivido por filhos de migrantes. Tais representações costumam enfatizar o desperdício no gasto dos recursos e associar o dinheiro à perda de valores e de “identidade”. A existência de celulares, computadores, câmeras de vídeo e qualquer outro objeto de consumo estranho ao contexto tradicional são nomeados como indicadores negativos responsáveis por contrastes e diferenciações entre os jovens.

Por fim, Herrera assinala que o envio de dinheiro, presentes e objetos, tem sido percebido como uma forma de mercantilização da relação afetiva com base no pressuposto de que os filhos de migrantes não teriam o carinho dos pais. Tais visões desconsideram as possibilidades de reconstrução das relações familiares através do valor simbólico e de intercâmbio representado por essa materialidade.

O consumo de produtos culturais e tecnologias evidenciam, conforme a síntese de Herrera (2013), que a família transnacional pode ser uma fonte de apoio e sustentação emocional e social, mas também pode e deve ser vista como um espaço de conflitos e relações de poder, em torno das quais se desprendem estratégias, negociações e ações de maneira desigual.

Uma segunda linha de abordagem das relações entre migrações transnacionais e recepção e consumo em que observamos deslocamentos do nacionalismo teórico-metodológico é a do ativismo migrante. Em estudo sobre espaços midiáticos da migração latino-americana em Madri, Retis (2006) relaciona aspectos que

colaboram para o surgimento de iniciativas e projetos derivados do transnacionalismo migrante.

Em primeiro lugar, a pesquisadora refere-se aos migrantes como usuários locais, nacionais e transnacionais de serviços e produtos relacionados, dentre outros, ao universo do trabalho, moradia, educação, regularização jurídica, lazer e telecomunicações. Em segundo lugar, aborda as iniciativas comunicacionais e midiáticas relacionadas ao chamado comércio étnico, como locutórios<sup>15</sup>, empresas de remessas, restaurantes, lojas de alimentação, etc. Desse conjunto, destacam-se micro, médios e mesmo grandes empreendimentos relacionados a usos de TICs representados não apenas pelos locutórios, mas também por revistas, jornais, portais e folders, que circulam no espaço urbano e se dinamizam em torno de um mercado cultural e de lazer constituídos por festas, eventos e shows voltados às migrações.

Um terceiro aspecto da análise de Retis refere-se à emergência e fortalecimento do associativismo migrante decorrente do incremento da própria mobilidade, de assentamentos e de movimentos coletivos de ação e mobilização migratórias. No contexto desses movimentos, se desenvolvem iniciativas de publicações digitais e impressas que passam a gerar e difundir as atividades e ações políticas e cívicas realizadas por essas associações e oferecer aos migrantes um conjunto de serviços e informações úteis. Nesse aspecto, evidenciamos a crescente articulação de processos de produção e consumo midiáticos locais dos migrantes a fluxos e dinâmicas inter e supranacionais, conformando relações transnacionais que “propiciam a ‘glocalização dos meios dirigidos’ aos migrantes em contextos

---

<sup>15</sup> Locutórios são locais que oferecem serviços de telecomunicações (acesso à Internet, telefone, fax, impressão) a baixo custo, ao mesmo tempo em que se convertem em espaços de estabelecimento de relações sociais entre os usuários e deles com os proprietários e atendentes (geralmente também migrantes). Neles podem ser observadas referências diretas aos países de nascimento, como marcas étnicas e identitárias, funcionando como pontes de conexão entre os migrantes e seus países de nascimento ou “espaços sociais transnacionais”.

cujo tecido associativo começa a consolidar redes de competência e colaboração” (RETIS, 2006, p. 35).

Esse último aspecto foi objeto de análise de pesquisa (COGO, 2012) com migrantes latino-americanos nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Buenos Aires, Lisboa e Portugal, concluída em 2010. Nas experiências de transnacionalismo envolvendo os usos das tecnologias da comunicação e cidadania dessas migrações, identificamos três dimensões em comum nos cinco contextos em que, na perspectiva de um ativismo migrante, os latino-americanos assumem ao mesmo tempo posicionamentos de consumidores e produtores de mídias próprias. A primeira diz respeito aos usos das mídias para (re)afirmação e articulação da diáspora latino-americana através da construção e compartilhamento de referentes culturais identitários que enfatizam pertencimentos culturais nacionais, mas também regionais e locais relacionadas a idioma, música, religião, gastronomia, origem étnica, etc.<sup>16</sup> Uma segunda refere-se à constituição dessas mídias próprias do migrantes como um campo discursivo alternativo e contra-hegemônico de construção midiática das migrações transnacionais em contraposição às representações hegemônicas criminalizadoras sobre essas migrações construídas por organizações midiáticas em distintos contextos nacionais, nas quais os migrantes aparecem associados à delinquência, conflito, pobreza, ilegalidade, ou, ainda, responsabilizados por crises econômicas e desemprego. E, por último, a inserção das mídias produzidas pelos migrantes nas mobilizações em favor dos direitos humanos e cidadania das migrações, especialmente em estratégias de mobilização no campo das políticas

---

<sup>16</sup>As mídias dos migrantes operam para essa articulação através do apelo não unicamente à *latino-americanidade*, mas também às *nacionalidades* (bolivianos, chilenos, etc.) como parciais constitutivas da experiência cultural latino-americana e à própria *migração* como experiência conformadora das culturas latino-americanas

migratórias nacionais e supranacionais, sobretudo nota chamada cidadania universal das migrações contemporâneas.<sup>17</sup>

Em outra pesquisa, realizada entre 2007 e 2010 com latino-americanos em Porto Alegre e Barcelona (BRIGNOL, 2010) também observamos o ativismo migrante relacionado a uma das dimensões de usos sociais da internet. Foram identificados múltiplos ambientes de comunicação na internet criados, mantidos, atualizados, usados por migrantes e por redes migratórias que passam a se apropriar da facilidade de acesso à esfera da produção para seus próprios objetivos e demandas. Constituídos por sites, sites de redes sociais, portais temáticos sobre migrações, weblogs, guias informativos, sites pessoais, sites de ONGs e associações, denominamos esses espaços de *web-diaspóricas* por estarem atravessados por questões relacionadas aos fluxos migratórios contemporâneos e atribuírem visibilidade a temáticas migratórias pouco abordadas pela mídia tradicional (como a diversidade da produção cultural migrante e a luta por políticas públicas e direitos sociais), potencializando outras lógicas de usos da internet, relacionadas à instância da produção-consumo.

Em pesquisa com haitianos no Brasil (COGO, 2013), também vamos observando que os próprios migrantes, suas redes e organizações se tornam narradores de suas experiências através, por exemplo, da criação e produção de espaços próprios em redes sociais, blogs, sites, ou da utilização de recursos comunicacionais como e-mail e listas de discussão. Muitos desses espaços são engendrados no contexto de um associativismo migrante de caráter mais formal que, no caso dos haitianos, começa a ser gestado através, por exemplo, da

---

<sup>17</sup>Entendida como uma instância de cidadania social que se pauta pela criação de princípios universais capazes de regerem, incluírem ou se combinarem com a diferença presentes no espaço público para além da exclusividade de pertencimentos locais, regionais e nacionais (CORTINA, 2005). Com base nessa concepção, nenhum migrante seria, por exemplo, considerado “ilegal”, “irregular” ou “clandestino” fora de seu país de origem e não enfrentaria restrições jurídicas ao acesso a trabalho, educação, saúde, etc.



constituição de um comitê para organizar a estadia dos recém chegados na cidade de Tabatinga (SILVA, 2012) e com a criação da Associação de Haitianos no Brasil com sede na mesma cidade. A associação mantém um perfil no Facebook chamado “Imigrantes Haitianos no Brasil”<sup>18</sup>. Ainda no Facebook, os haitianos se fazem presentes na comunidade “Haitiens au Brésil”<sup>19</sup> e no grupo fechado “Universitários haitianos que vivem no Brasil”<sup>20</sup>. Esses espaços são ocupados, em grande parte, com a divulgação de listas e informações sobre vistos de permanência e, em menor medida, com postagens de vídeos, reportagens da mídia brasileira sobre os imigrantes haitianos que vivem no país (COGO, 2013).

### **Considerações finais**

Buscamos discutir, nesse artigo, como o transnacionalismo assinala os limites da concepção neoclássica para o estudo das migrações, concedendo um peso maior às redes de migrantes e aos aspectos socioculturais que envolvem as experiências migratórias assim como, em termos metodológicos, à pesquisa empírica de caráter qualitativo como estratégia de aproximação às singularidades dessas experiências.

A condição transnacional própria dos fluxos migratórios contemporâneos intensifica a necessidade de pensarmos dimensões e desenhos teórico-metodológicos das pesquisas comunicacionais de recepção e consumo que rompam com delimitações baseadas em um nacionalismo metodológico que deixa de contemplar as experiências de multiterritorialidade experimentadas pelos migrantes e nem sempre explicadas por suas vinculações a territórios e matrizes relacionados exclusivamente ao nacional e à nacionalidade.

---

<sup>18</sup><https://www.facebook.com/imigranteshaitianos.nobrasil?fref=ts>

<sup>19</sup><https://www.facebook.com/ayisyenbrezil?fref=ts>

<sup>20</sup><https://www.facebook.com/groups/b.claudy/?fref=ts>

A partir do levantamento bibliográfico e da recuperação de dados empíricos de pesquisas sobre comunicação e migrações, as dinâmicas das famílias transnacionais e do ativismo migrante foram as duas instâncias privilegiadas neste artigo para pensar nas implicações dos sentidos de transnacionalismo nos estudos da comunicação, mais especificamente no campo da recepção e do consumo. A própria existência da noção de família transnacional, com a manutenção dos laços afetivos à distância, só tem sido possível através da mediação tecnológica, por meio da qual são construídos sentidos de proximidade e de participação que buscam transcender os limites territoriais.

Da mesma forma, a experiência migratória vai demandar uma forma de participação social – muito ligada ao caráter de redes e de associativismo próprio do fenômeno migratório – que leva à instância apresentada como ativismo migrante. Através deste movimento, percebemos a necessidade e dinâmica de apropriações e usos das mídias por coletivos migrantes, de modo a atuar e intervir, de modo inter-relacionado, nas instâncias da recepção e da produção midiáticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aragonés Castañer, A. M., & Salgado Nieto, U. (2011). "¿Puede la migración ser un factor para el desarrollo de los países expulsores?". *Migración y desarrollo*, 9 (17), 45-68.
- Beck, U. (2007). Vivir en la sociedad del riesgo mundial. *Documentos CIDOB. Dinámicas Interculturales*. Barcelona, n.8.
- Blanco, C. (2006). *Migraciones: Nuevas movilidades en un mundo en movimiento*. Barcelona: Anthropos.
- Brignol, L.D. (2010). *Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – PPG em Ciências da Comunicação, Unisinos, São Leopoldo.
- Canales, A. (2008). Remesas y desarrollo en América Latina: una relación en busca de teoría. *Migración y Desarrollo*, v. 11.
- Cogo, D. (2006). *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*. Rio de Janeiro/Brasília: E-Papers/Csem.
- Cogo, D. (2009). *Los Estudios de Recepción en América Latina: perspectivas teórico-metodológicas*. Barcelona: Portal de la Comunicación do Institut de la Comunicació (Incom/UAB). Disponible en:  
<[http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48\\_por.pdf](http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48_por.pdf)>. Acceso en:

20 mar. 2014.

Cogo, D. (2012). *Latino-americanos em diáspora: usos de mídias e cidadania das migrações transnacionais*. Rio de Janeiro, Tríbia.

Cogo, D. (2013). Migrações transnacionais no Brasil: Comunicação, mediação e diáspora haitiana. *Anais do 3º Comunicon*; São Paulo. São Paulo: ESPM.

Cogo, D., Gutierrez, M. & Huertas Bailén, A. (coords). (2008). *Medios de comunicación y migraciones transnacionales: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*. Madrid: Los Libros de la Catarata.

Cogo, D., & Brignol, L. D. (2009). Latinoamericanos en el sur de Brasil: recepción mediática y ciudadanía de las migraciones transnacionales. *Comunicación y Sociedad*. (11) 135-162. Nueva Época. Guadalajara.

Cogo, D., Elhajji, M. & Huertas, A. (eds.) (2012). *Diásporas, migraciones, tecnologías de la comunicación e identidades transnacionales*. Barcelona: Institut de la Comunicació (InCom-UAB), v.1. Disponible em: <<http://incom.uab.cat/diasporas>>.

Cortina, A. (2005). *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*, São Paulo: Loyola.

Escosteguy, A. C. & Jacks, N. (2005). *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores.

Esparza, G. A. M. (2011). Pensar a la audiencia transnacional: comunicación de masas en la etapa posnacional. *Comunicación y Sociedad*, (16) 47-74. Universidad de Guadalajara: México.

Cunha, I. F. (2003). Imagens da imigração em Portugal. *Media & Jornalismo*. 2 (2) 71-87.

Coimbra, García Canclini, N. (1996). *Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.

Guarnizo, L. E. (2004). Aspectos económicos del vivir transnacional. *Colombia Internacional*, n. 59. Acesso em: 03 mar 2014. Disponível em: <<http://colombiainternacional.uniandes.edu.co/view.php/429/index.php?id=429>>.

Goig, R. L. (2007). El nacionalismo metodológico como obstáculo en la investigación sociológica sobre migraciones internacionales. *Empiria-Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, n.13, jan-jun. Acesso em: 9 mar 2014. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2330070>> .

Herrera, G. (2013). Los aportes de la perspectiva de género para la comprensión de las familias transnacionales. Buenos Aires, Clacso (Texto fornecido pela autora).

Herrera, G.; Carrillo, M. C. (2009) Transformaciones familiares en la experiencia migratória ecuatoriana – una mirada desde los contextos de salida. *Mélanges de la Casa Velazquez*. Acesso em: 02 mar 2014. Disponível em: <<http://mcv.revues.org/591>>.

INFORME SOBRE LAS MIGRACIONES EN EL MUNDO 2010: el futuro de la migración: creación de capacidades para el cambio. (2010). OIM: Ginebra.

INFORME SOBRE LAS MIGRACIONES EN EL MUNDO 2013: *El bienestar de los inmigrantes y el desarrollo*. (2013). OIM: Ginebra.

Martín-Barbero, J. (2001). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Mezzadra, S. (2005). *Derecho de fuga: migraciones, ciudadanía y globalización*. Madrid: Traficantes de Sueños.

Orozco Gómez, G. (1991). Recepción televisiva: tres aproximaciones y una razón para su estudio. *Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales*. México: Universidad Iberoamericana, n. 2.

Portes, A. (2004). Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. n. 69, 73-93.

Retis, J. (2006). Espacios mediáticos de inmigración en Madrid. *Génesis y Evolución*. Madrid: Observatorio de las Migraciones y de la Convivencia Intercultural de la Ciudad de Madrid.

Retis, J. (2004). La imagen del otro: inmigrantes latinoamericanos en la prensa nacional española. *SpheraPublica -Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*. Murcia, n. 4.

Retis, J. (2013). *La condición transnacional de las prácticas comunicativas y los retos de la ciudadanía cultural y la ciudadanía digital: latinoamericanos en contextos diaspóricos*. Londres, Inglaterra. Acceso em: 15 mar. 2014. Disponible em: <http://cccd.es/wp/wp-content/uploads/2013/06/Retis->

Jessica-La-condicio%CC%81ntransnacional-de-las-pra%CC%81cticas-  
comunicativas-y-los-retos-de-la-ciudadani%CC%81a-cultural1.pdf>.

Sepúlveda, L. C. & Cambrón, A. M. (2011). Claves teóricas para una nueva visión de la recepción mediática desde la experiencia migratoria. *Correspondencias&Análisis*, n. 1. Acceso em: 09 mar 2014. Disponível em: <<http://www.correspondenciasy analisis.com/es/pdf/ms/ctnv.pdf>>.

Silva, Sidney A. da.(2012) “Aqui começa o Brasil”. Haitianos na Tríplice Fronteiras e Manaus. In: SILVA, Sidney A. da (org.). *Migrações na Pan-Amazônia*. São Paulo: Hucitec/FAPEAM. p. 300-332.

Suárez-Navaz, L. (2008). Lo transnacional y su aplicación a los estudios migratorios: algunas consideraciones epistemológicas. In: Santamaría, E. (ed.). *Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales*. (pp. 55-78). Barcelona: Anthropos.

Van Dijk, T. A. (2006). *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Paidós, 1997.